

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CAMPUS LITORAL NORTE
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO:
CIÊNCIAS DA NATUREZA**

CÍNTIA MELO SILVA

**PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA:
CARTOGRAFANDO OS SENTIDOS DO TEMPO NA LICENCIATURA EM
EDUCAÇÃO DO CAMPO**

TRAMANDAÍ

2018

CÍNTIA MELO SILVA

**PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA:
CARTOGRAFANDO OS SENTIDOS DO TEMPO NA LICENCIATURA EM
EDUCAÇÃO DO CAMPO**

Monografia apresentada à Comissão de Graduação do Curso de **Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza**, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – Campus Litoral Norte, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título Licenciatura em Educação do Campo.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Suelen Assunção Santos

TRAMANDAÍ

2018

CÍNTIA MELO SILVA

PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA:
CARTOGRAFANDO OS SENTIDOS DO TEMPO NA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO
DO CAMPO

Monografia apresentada à Comissão de Graduação do Curso de **Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza**, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – Campus Litoral Norte, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título Licenciatura em Educação do Campo.

BANCA EXAMINADORA

Professora Dra. Suelen Assunção Santos – UFRGS – Orientadora

Professora Dra. Claudia Glavam Duarte – UFRGS

Professor Juliano Constante da Silva – EMEF Manoel Prestes

Tramandaí, 10 de julho de 2018

Aos meus amados, eternos cobradores de tempo livre, Juliano e Júnior Stürmer.

AGRADECIMENTOS

Agradeço e sempre serei grata...

Aos meus pais que sempre estão em meu coração e sempre me ensinam algo, até mesmo nas ausências.

Aos meus Sogros/Pais, Ada e Luiz, verdadeiros assessores da vida e na minha casa, sempre que solicitados e até quando, nem eu sabia que precisava, pude contar com vocês.

À Profª Suelen, a quem eu chamo com orgulho e admiração de Orientadora, agradeço pelos estudos, pelos prazos estipulados, pelas correções, sugestões e o tempo dedicado.

À UFRGS, ao Departamento Interdisciplinar do Campus Litoral Norte.

À COMGRAD da Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza.

Aos professores da banca que aceitaram o convite de ler e examinar meu trabalho.

Ao GEEMCo, combustível para estudos que tanto contribui para minha formação.

À Profª Cláudia por seus conselhos, ditados populares e por me apresentar Foucault.

Aos colegas/ amigos da EMEF Manoel Prestes, principalmente ao André, a Pati, o The Ruy, a Vivi e a Lili, estes sempre me apoiaram e auxiliaram nas ausências, necessárias, para estudar.

A minha mãe do coração, Maria Olinda, foi quem me apresentou e encorajou a voltar a estudar, sempre com abraços longos e a frase que me fez fazer o vestibular: É a tua vez!

Especialmente, ao Juliano, meu esposo, parceiro, companheiro, é quem caminha ao meu lado nas loucuras e devaneios, e, sempre, com muito amor não me deixa desistir nos momentos difíceis.

E por fim, mas o mais importante de tudo, agradeço, imensamente, ao Júnior, meu filho amado, minha vida toda, que mesmo, sem saber, me ensinou a desejar que o tempo passe mais devagar.

*És um senhor tão bonito
Quanto a cara do meu filho
Tempo, tempo, tempo, tempo,
Vou te fazer um pedido
Tempo, tempo, tempo, tempo,
Compositor de destinos
Tambor de todos os ritmos
Tempo, tempo, tempo, tempo
Entro num acordo contigo
Tempo, tempo, tempo, tempo
Por seres tão inventivo
E pareceres contínuo
Tempo, tempo, tempo, tempo”.*

(Música Oração ao Tempo de Maria Bethania)

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ATER- Assistência Técnica e Extensão Rural

BI – Bacharelado Interdisciplinar em Ciências e Tecnologias

CEB - Câmara de Educação Básica

CEFFAs - Centros Familiares de Formação por Alternância

CLN - Campus Litoral Norte

CNE - Conselho Nacional de Educação

COMGRAD – Comissão de Graduação

EDUCAMPO – Educação do Campo

EMEF – Escola Municipal de Ensino Fundamental

EFA – Escolas Familiares Agrícolas

FACED - Faculdade de Educação

GEEMCo - Grupo de Estudos em Educação Matemática e Contemporaneidade

IES - Instituições de Ensino Superior

IFES – Instituições Federais de Ensino Superior

LEDOC - Licenciatura em Educação do Campo

MEC – Ministério da Educação

MEPES - Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo

MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

PEG – Programa Especial de Graduação

PPC – Projeto Pedagógico de Curso

PROCAMPO - Programa de Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo

PRONACAMPO - Programa Nacional de Educação do Campo.

SECADI - Secretaria de Alfabetização Continuada, Diversidade e Inclusão

TC – Tempo Comunidade

TCC- Trabalho de Conclusão de Curso

TU- Tempo Universidade

RESUMO

Esta monografia tem como intencionalidade problematizar de que modo a concepção de tempo vem se atualizando no discurso da Pedagogia da Alternância, vinculado ao curso de Licenciatura em Educação do Campo – UFRGS / CLN? E de que forma o conceito de “tempo” se cola na proposta de ensino em Alternância. A perspectiva pós-estruturalista contribui para esta pesquisa, pois visa problematizar as concepções de tempo e espaço contidas no discurso da Pedagogia da Alternância, enquanto verdades construídas historicamente. A partir da análise do material empírico de pesquisa, Marcos Normativos para Educação do Campo e o Projeto Pedagógico do Curso. Documentos escolhidos por regerem a Educação do Campo contemporaneamente. Garimpamos nos documentos excertos que contivessem as palavras: Alternância e Tempo. Analisamos as idéias centrais trazidas em cada excerto, a fim de coletar as recorrências nos discursos e separá-los por densidades de sentido. Na pedagogia da Alternância o objetivo metodológico é estabelecer, justamente, conexões e interações nos processos de ensino/aprendizagem, voltado aos povos do/no campo, considerando as relações sociais em espaços não escolares e estabelecendo relações entre teoria, prática e realidade dos estudantes e das comunidades do campo. Destacamos duas densidades de sentido para a concepção de “tempo” e “alternância”, as quais intitulamos: i) Entre Tempos e Espaços e ii) Entre Ensino – Tempo - Aprendizagem. As densidades de sentido apontam para um modelo de ensino que, ao alternar espaços, lugares e territórios em um determinado tempo de curso criam-se possibilidades múltiplas de/para aprendizagens, além de concepções diferentes do tempo entre ensino e aprendizagens.

PALAVRAS-CHAVE: Educação do Campo. Ensino-Aprendizagem. Espaço. Pedagogia da Alternância. Tempo.

ABSTRACT

This monograph has as intentionality problematize that follows the conception of time comes if upgrading in the discourse of the Pedagogy of Alternation, linked to the course of Bachelor in Education Field - UFRGS / CLN. And how the concept of "time" if glue on proposal for teaching in alternation. The post-structuralist perspective contributes to this research, it aims to problematize the conceptions of time and space contained in the discourse of the Pedagogy of Alternation, while truths constructed historically. From the analysis of the empirical material of research frameworks for Education and the Pedagogical Project of the course. Regimentar papers chosen by the Field Education contemporaneously. Garimpamos in documents excerpts that contained the words: Alternation and time. We analyze the central ideas brought in each excerpt, in order to collect the recurrences in speeches and separate them by densities of sense. In the Pedagogy of Alternation the methodological objective is to establish precisely, connections and interactions in the teaching/learning processes, pointing to the peoples of/in the field, considering the social relations in non-school spaces and establishing relations between theory, practice and reality of the students and the communities in the field. We highlight two densities of meaning to the concept of "time" and "switching", to which, intitulos: (i) between times and spaces and (ii) between Teaching - time - Learning. The densities of sense point toward a model of education which, when switching spaces, places and territories at a certain time of course creates multiple chances of/for learning, in addition to different conceptions of time between teaching and learning.

Keywords: Education in the field. teaching - learning. Space. Pedagogy of Alternation. Time.

SUMÁRIO

1. ENTRE(TANTOS) EUS	11
1.1 Entre Tempos de Curso e a Vagareza	12
2. ENTRE TEMPOS HISTÓRICOS.....	16
3. ENTRE (MEIOS) E MÉTODOS	22
3.1 Entre(Meios) da Cartografia à Análise Documental	27
i) Entre Tempos e Espaços	29
ii) Entre Ensino –Tempo – Aprendizagem	35
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS:.....	42
REFERÊNCIAS	44
ANEXO	47
ANEXO A – MATRIZ CURRÍCULAR DO CURSO LEdoC – UFRGS.....	48

1. ENTRE(TANTOS) EUS

*Mas eu não sou um só, não sou só um
 Eu também sou milhões de eus
 Não sou Deus, mas sou eus
 Não sou Deus, mas sou eus
 Eu também sou milhões de eus
 Pois sou eu quem acredita em mim
 Sou eu quem me explico quando me complico
 Eu mesmo atendo às minhas preces
 Eu mesmo ouço meus próprios gritos
 Oh brother, foi eus quem quis assim¹.*

A minha trajetória de vida em muito tem relação com a temática abordada nesta pesquisa. Trajetória marcada por independência e atitude, pois sempre fui muito decidida, e, como uma boa geminiana que sou, sempre quis fazer tudo que aparecia pela frente. Nos tempos de escola, treinava Voleibol e Handebol, participava dos grupos de dança, música com aulas de violão e canto. Sempre escutava de pessoas da família coisas do tipo: “*Não cansa, não! Que guria metida; Faz tudo e nada ao mesmo tempo!*”. Jamais me abalei com as críticas. Queria meu espaço e satisfação! Fazia-me de desentendida e continuava as múltiplas tarefas.

Com o passar dos anos e a chegada da “maturidade” (por vezes não a encontro) diminuí um pouquinho o ritmo, mas jamais me acostumarei com rotina, gosto do movimento e de ser “*muitas*”. Essas (in)constâncias e (in)quietações me trouxeram até aqui, muito provavelmente, me levarão a outros (des)caminhos. Tenho um corpo, mas não sei quem sou, então gosto de pensar que sou várias, que tenho alguns “*Eus*” que são produtos das relações de poder estabelecidas ao longo dos anos vividos. Criaturas resultantes dos regimes de verdades que a sociedade me impôs.

Quando falo *EUs* me refiro o *Eu filha* que quando “mais” jovem se fazia desentendida e não dava ouvidos aos desencorajares em forma de frases, muitas vezes, sem pensar da família. Falo do *Eu Mãe* que “aproveita-se” do tempo para acarinhar, encorajar, e (des)educar o filho. O *Eu servidora pública* que corre *do e no* tempo, diferentemente do *Eu Amiga* que

¹ Maurício Baia. **Eus:** Baia no Circo [2010] Disponível em: <https://www.ouvirmusica.com.br/mauricio-baia/eus/>. Acesso em 06 de jun. 2018.

aproveita o tempo, quando dá tempo. Já o *Eu Esposa* sonda o tempo e (des)dobra-se nos minutos resgatando, por vezes, o *Eu Namorada*, que insiste em se perder no tempo.

Nesse desdobrar entre *Tempos e Eus, atravessada pela Eu Estudante Inquieta* encontrei, nos (des)caminhos, o curso Educação do Campo – Ciências da Natureza na UFRGS/CLN². Na ânsia de aproveitar o tempo e querer fazer durar cada segundo de aprendizado, deparo-me com um aprender/estudar, aprender/pesquisar. Em compassos e marcações de tempos/espacos, também deparo-me com a Pedagogia da Alternância³ que propõe o diferente, que fissuraram meus *eus* e assim enxergaram o tempo de uma forma para além do cronológico. Pensar no tempo que dura, aquele que fissura e provoca marcas.

Desta forma, as reverberações dos questionamentos que atravessaram os anos na universidade e os inúmeros minutos, horas e dias de estudos, me levaram até o presente trabalho que tem como intencionalidade problematizar de que modo a concepção de tempo vem se atualizando no discurso da Pedagogia da Alternância, vinculado ao curso de Licenciatura em Educação do Campo – UFRGS / CLN²? Nesse sentido, busco compreender as relações estabelecidas no discurso da Pedagogia da Alternância com a concepção de tempo.

1.1 Entre Tempos de Curso e a Vagareza

A experiência, e não a verdade é o que dá sentido à escritura. Digamos, com Foucault, que escrevemos para transformar o que sabemos e não para transmitir o já sabido. Se alguma coisa nos anima a escrever é a possibilidade de que esse ato de escritura, essa experiência em palavras nos permita libertar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos para ser outra coisa, diferentes do que vimos sendo. (LARROSA, 2015, p. 5)

O *Eu Estudante* aproveitou o tempo na universidade e entrou de cabeça nas oportunidades que surgiam. Contatos com muitas pessoas que jamais imaginara conhecer, viagens para eventos voltados à educação do Campo e participação em inúmeras saídas de campo com colegas de turma. Experiências fantásticas!

² UFRGS/CLN: Universidade Federal do Rio Grande do Sul / Campus Litoral Norte. Inaugurado em Setembro de 2014, na cidade de Tramandaí, primeiro Campus da UFRGS não localizado em Porto Alegre. Atualmente oferta dois cursos de graduação, BI- Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia e Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza.

³ Pedagogia da Alternância é adota por todos os cursos de Licenciatura em Educação do Campo no Brasil, ao longo do trabalho será abortado como esta pedagogia funciona e suas intencionalidades.

Dentre essas quero ressaltar duas, as quais, considero potências para o pensamento e foi dessas experiências que surgiu o questionamento que me proponho a desenvolver nesse trabalho de conclusão de curso, qual seja: como a concepção de tempo vem se atualizando no discurso da Pedagogia da Alternância vinculado ao curso de Licenciatura em Educação Campo – UFRGS/ CLN?

Primeira experiência que desejo ressaltar, é a de fazer parte, desde 2016 do GEEMCo⁴ (Grupo de Estudos em Educação Matemática e Contemporaneidade da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na linha Educação Matemática e Educação do Campo, do Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq) que me proporciona estudos teóricos na perspectiva pós-estruturalista, mais especificamente, focados nos estudos de Michel Foucault e Gilles Deleuze, além de seus principais comentadores. O grupo se debruça sobre os estudos da Educação Matemática, Educação do Campo e temas mais amplos da Educação na contemporaneidade.

A experiência de participar de um grupo de estudos como o GEEMCo, tem sido potência para pensar nas questões emergentes dos sujeitos, nas minhas próprias questões de urgência. Os conceitos estudados no grupo são como combustível para problematizar minha trajetória de vida e acadêmica, e esse (re)viver e (re)pensar causam fissuras a cada novo conceito apresentado. Causam movimentos, encorajam, e fazem pensar o antes impensável. A cada página de estudo (re)significações de sentidos em que o corpo sente reverberações diárias.

Durante os dois anos que faço parte do grupo, fiz leituras que me atravessaram, e quero ressaltar uma em especial, que inclusive fora uma das primeiras leituras realizada no grupo. Se refere ao autor Jorge Larrosa Bondía e seu texto intitulado “Notas sobre a experiência e o saber da experiência”. Larrosa neste texto, fala que:

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. (2002, p. 09)

Problematizando o texto que é rico em fazer-nos pensar, principalmente, no sentido que damos para nossas vidas e experiências, passei a usar lentes que nomeiei de “vagareza”. Passei a usar a vagareza como lente de contato, permitindo-me a olhar e tatear palavras, coisas e pessoas com menos pressa.

⁴ <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/1005997939436876>

A vagareza passou a me acompanhar por lugares que cotidianamente eu passava sozinha e sem intenção nenhuma de pensar em experiência, e falo aqui da experiência que nos ensina Larrosa, aquela que “o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura” (2002, p.19).

Ainda, acompanhada da vagareza, com professores do curso e colegas de turma, conheci o Museu de Ciência e Tecnologia da PUC em Porto Alegre/RS, localizado a menos de 130 km (cento e trinta quilômetros) de minha casa e apesar de já ter passado inúmeras vezes em frente do museu, até então, nunca tinha entrado naquele lugar. O sentimento de pertencimento, o encantamento com todos aqueles experimentos científicos, veio logo nos primeiros minutos de visita. A exposição de trabalhos históricos, bem debaixo dos meus olhos e a oportunidade de observar a história da evolução humana, história de evolução das Ciências da Natureza em um único local, me tocaram, me deixaram marcas e alguns vestígios (LARROSA, 2002).

Foi então que a vagareza colou na minha retina, mexeu com meus sentidos e me fez perceber e (re)significar a noção de tempo cronológico. Afetada por sensações nunca antes sentidas, a visitação ao Museu da PUC, naquele dia de saída de campo da 6ª etapa do curso de Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza, sem que eu percebesse, o tempo *chrônos*, aquele medido em milésimos de segundos, segundos, minutos, horas etc. terminava, para aquela viagem, com 30 minutos de antecedência, pois meus professores e colegas de turma resolveram ir embora antes do combinado.

Ao ser solicitado o retorno para o ônibus, senti meu corpo sendo arrancado com violência do território da experiência, território fértil de sensações que me modificavam a cada segundo a mais naquele lugar, fissuravam os meus Eus que gritavam a cada nova descoberta, a cada novo conhecimento, O meu *Eu Criança* queria que o corpo saísse pulando e por inúmeras vezes extravasou com gargalhadas e olhos brilhantes transbordando encantamento.

Ao adentrar o ônibus, provavelmente, com olhar do meu *eu passional* que a essa altura (trans)parecia o descontentamento de alguém que não teve “tempo” de se despedir, queria que a garganta gritasse, mas a voz embargada não saiu. Meus Eus se multiplicavam e ocupavam tantos espaços no meu corpo que sentia-me sufocada, mas ao mesmo tempo emocionada pela experiência de (trans)formação.

Contudo, já no caminho de volta para casa, em discussão com meus eus e no silêncio das reverberações que pipocavam a mente, perguntava-me sobre o tempo, e como somos

coordenados por ele. Nossas vidas são regidas pelo tempo. O tempo seja ele, faltando ou sobrando, influencia nossas rotinas, influencia nossas escolhas. Passei a me questionar quanto ao curso de Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza: quantas reflexões foram realizadas a cerca do tempo? Ora o curso dava ênfase à quantidade de horas em um determinado componente, ora a quantidade de dias dos Tempos Universidade ou Tempo Comunidade. Contamos o tempo no curso durante todo o tempo.

Contar o tempo, perder tempo, ganhar tempo, se perder no tempo, essas questões atravessam o ser humano, vivemos correndo para ganhar tempo e o tempo não para de correr. Durante a visita no Museu, o tempo passou depressa, mas o tempo de aprendizagem, de conhecimento de (trans)formação durante aquelas horas que se passaram são incalculáveis. Estão reverberando em meus *eus*. Aqueles 30 minutos que anteciparam a viagem serviram como disparador para parar, controverso, não? Mas foi isso mesmo, todas as frases que escutei da minha família ao longo das minhas três décadas de vida nunca me fizeram parar, mas aqueles minutos, sim, Aqueles minutos dispararam em mim a necessidade de, simplesmente, parar!

Por isso, por essas experiências ao longo do curso coloco-me a pensar neste trabalho de conclusão sobre a concepção de tempo na Educação do Campo. Também é necessário compreender de que modo a concepção de tempo vem se atualizando no discurso da Pedagogia da alternância?

2. ENTRE TEMPOS HISTÓRICOS

O que conta nas coisas ditas pelos homens não é tanto o que teriam pensado alguém ou além delas, mas o que desde o princípio as sistematiza, tornando-as, pelo tempo a fora, infinitamente acessíveis a novos discursos e abertas à tarefa de transformá-las. (FOUCAULT, 1980, p.18 apud SOARES).

Muitos são os conhecimentos teóricos a respeito dos conceitos de Tempo, Educação do Campo e Pedagogia da Alternância. Historicamente, a Educação do/no Campo⁵ é uma conquista dos movimentos sociais, enquanto educação como meio de produção de vida. Observei a riqueza de estudos sobre Pedagogia da Alternância e sua importante relação com a Educação do Campo no Brasil. Ela aparece nas literaturas como espaço integral de formação dos sujeitos.

O Tempo Escola e Tempo comunidade não pode ser entendido como termos e/ou práticas separadas, mas são distintos no que diz respeito a espaço, tempo, processos e produtos relacionados a formação pedagógica. (ROCHA; MARTINS, 2012, p. 24)

Pensar a Alternância no curso de Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Campus Litoral Norte (UFRGS/CLN) nos lança para alguns anos atrás. É preciso uma digressão para conhecer a trajetória dessa pedagogia e para que possamos compreender como esta pedagogia chega ao referido curso. Portanto, nos propomos a cartografar alguns acontecimentos que nos ajudam a rabiscar uma breve linha do tempo até os dias atuais.

Começamos lá em 1935, na França, com um grupo de camponeses que, insatisfeitos com o sistema de educação do país, resolvem unir-se e lutar por educação que fizesse sentido, lutar por uma educação que dialogasse com a realidade de vida dos jovens camponeses. “Essa Iniciativa educativa camponesa protagonizada por sujeitos do campo se torna um movimento e ganha escala mundial” (BORGES; BERGANAI; NETO, 2012, p.37). As Escolas Familiares Agrícolas (EFAs), organizadas pelas famílias de camponeses, construíam educação com identidade familiar, de trabalho no campo e de movimento social. Essas escolas tornaram-se

⁵ De acordo com Caldart (2002, p. 26): “[...] No: o povo do campo tem direito a educação no lugar onde vive; Do: o povo tem direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com sua participação.”.

um meio de luta e resistência dos povos do campo⁶ em busca de uma educação voltada à realidade dos sujeitos do campo.

A Pedagogia da Alternância atravessou o Oceano Atlântico e chegou ao Brasil na bagagem do então seminarista Italiano Humberto Pietrogrande, que desembarcou em Salvador, pela primeira vez no ano de 1962. Morou ainda, alguns anos no Rio Grande do Sul, onde concluiu o seminário e foi ordenado em 1964. Tornou-se Padre e com ele o sentimento de permanecer no Brasil e desenvolver um trabalho missionário e educacional. Em 1965 o padre foi para o Sul do Espírito Santo, onde assumiu a direção de uma escola, em uma região colonizada por imigrantes italianos. Nessa experiência educacional o padre passou a perceber que alguns jovens se envergonhavam de dizer suas origens camponesas, negavam suas condições de vida no campo e sonhavam em viver uma vida na cidade.

E isso era uma característica muito forte na região. O jovem Saído da sua terra para estudar na cidade, recebia uma formação distante da realidade local e logo passava a não aceitar a vida no campo. Tinha preconceito de si e de sua origem. Esses rapazes e moças, sem oportunidades e sem se reconhecerem, deixavam suas propriedades, abandonavam a família e iam trabalhar na cidade. (MATOSSO, 2010, p.66)

Em 1966, o religioso voltou para Itália para completar sua formação em Teologia, mas com o pensamento no problema do êxodo rural e naqueles jovens que negavam suas origens. Assim, teve contato com o professor Bruno Brunello, diretor da unidade, Escola Família Agrícola Castelfranco, na cidade de Veneto. Segundo, Pietrogrande durante a visita ele sentiu que deveria levar a experiência para o Brasil. (MATOSSO, 2010 p. 67). Vislumbrou na Pedagogia da Alternância a metodologia para aproximar o jovem de suas origens e construir nestes jovens identidades que acabassem com o preconceito de ser um sujeito do campo.

Pietrogrande, ao retornar ao Brasil, deu início a organização para implantar as EFAs (Escolas Família Agrícola) no Espírito Santo, criando o Mepes (Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo). Como forma de Intercâmbio, o padre levou quatro jovens estudantes para Itália, afim de que os jovens conhecessem a escola agrícola e a Pedagogia da Alternância. Esses jovens formaram-se na Itália e retornaram ao Brasil em 1968 acompanhados de professores italianos, que ajudaram e avaliaram os trabalhos nas escolas no

⁶ DECRETO Nº 7.352, DE 4 DE NOVEMBRO DE 2010.

Artº 1º § 1º I - Para os efeitos deste Decreto, entende-se por: I - populações do campo: os agricultores familiares, os extrativistas, os pescadores artesanais, os ribeirinhos, os assentados e acampados da reforma agrária, os trabalhadores assalariados rurais, os quilombolas, os caiçaras, os povos da floresta, os caboclos e outros que produzam suas condições materiais de existência a partir do trabalho no meio rural.

interior do Espírito Santo. Durante a formação dos jovens na Itália o padre Pietrogrande mobilizou “comunidades, com a criação de comitês, a realização de eventos para levantar fundos e a elaboração de um plano para uma ação de promoção humana e social” (Matosso, 2010, p.68) Com a chegada dos jovens e dos professores iniciou-se os trabalhos nas primeiras Escolas Famílias Agrícolas no Brasil e foi possível ver resultados nas comunidades onde as escolas foram estabelecidas.

Aí se vão mais de 50 anos que a Pedagogia da Alternância é adotada por algumas escolas do campo e também, nos cursos de Licenciatura em Educação do Campo por todo o Brasil.

As primeiras experiências de Licenciatura em Educação do Campo iniciaram em 2007, com quatro universidades que realizaram experiências pilotos, são elas: Universidade Federal de Brasília (UNB), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal de Sergipe (UFS). Desde então, outras universidades em 2008 e 2009 aderiram a editais específicos e iniciaram seus processos formativos vinculados as Licenciaturas em Educação do Campo. No ano de 2012 o processo de expansão de tais cursos atingiu seu ápice, tendo o comprometimento de mais quarenta e três universidades na oferta deste curso. (DUARTE; FARIA, 2017, p. 82-83)

Deixar registrado que a ampliação de oferta das Licenciaturas em Educação do campo por todo país se dá através das lutas dos movimentos sociais, em conjunto com educadores e educadoras conseguindo que em 2010, o então Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, assinasse o decreto⁷ que trata da política de educação no campo e regulamenta o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronea). Segundo o decreto, a educação no campo compreende da creche à graduação e a oferta é de responsabilidade compartilhada da União, estados e municípios⁸.

Com o decreto assinado foi possível a abertura de novos editais, gerenciados pelo MEC e SECADI⁹ para implantar Cursos como Programas Especiais de Graduação (PEG) em Universidades e Institutos Federais ganhando incentivos financeiros, vagas para docentes e corpo técnico, todos os incentivos exclusivos para o curso de Licenciatura Educação do Campo. Para isso, impunha a obrigatoriedade de cada instituição promover três entradas de alunos com 120 vagas cada, e fazer um estudo para tornar o curso permanente na instituição de ensino.

⁷ O decreto Nº 7.352, de 4 de novembro de 2010 estabelece diretrizes e propõe qualificação na educação do campo. Informação disponível no portal do Ministério da Educação: . <http://portal.mec.gov.br/docman/marco-2012-pdf/10199-8-decreto-7352-de4-de-novembro-de-2010/file>

⁹ MEC – Ministério da Educação / SECADI- Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão

A seguir podemos observar (Figura 01) os dados referente à oferta de vagas de curso superior de Licenciatura em Educação no Campo em todo o país nas Universidades e Institutos Federais, as matrículas efetivadas e os alunos em efetiva formação por todo o Brasil. Os dados foram apresentados na reunião de coordenadores dos cursos juntamente com os membros da SECADI/MEC em 2016, na Capital do país, Brasília, o qual participei, pois estava representante da Executiva Nacional dos Estudantes. Importante ressaltar que efetuamos buscas no site do Educacenso e no portal do MEC em busca dos dados mais recentes referente aos cursos e matrículas de alunos, mas não localizamos essas informações.

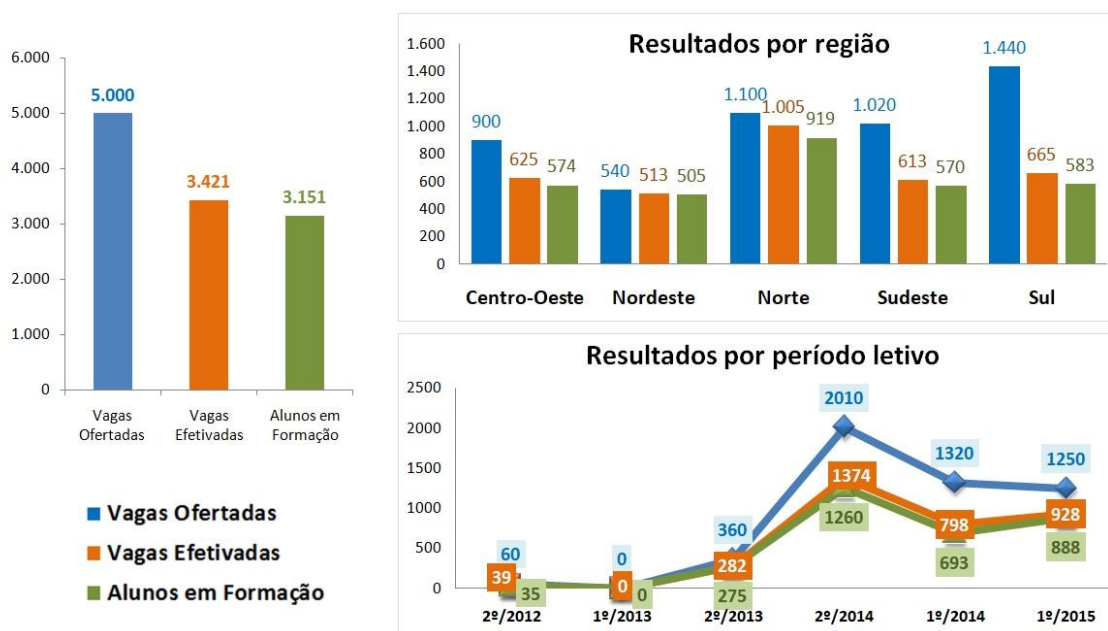


Figura 01: Dados referente às vagas ofertadas, vagas efetivas e alunos em formação (Resultados apresentados por período e regiões do país).

Fonte: MEC/ SECADI – Reunião de coordenadores em 2016.

Além disso, a proposta de Licenciatura em Educação do Campo busca alcançar professores em exercício nos sistemas públicos de ensino que atuem nas escolas do campo e que ainda não tem habilitação para a função (Licenciatura), bem como, educadores que têm experiência e que atuem em educação do campo e/ou Jovens e adultos das comunidades do campo. Esse perfil discente para o ingresso é conquista dos movimentos sociais do campo que buscavam uma educação formal para o campo e assim proporcionassem aos jovens a possibilidade de estudar sem que para isso fosse necessário sua retirada do campo.

A UFRGS concorreu ao Edital 02/2012 SECADI/SESU/SETEC – MEC com o compromisso de ofertar 120 vagas por ano, por pelo menos três anos. Assumi também o compromisso de tornar o curso permanente na instituição. Em 2014 iniciaram as duas

primeiras turmas de Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza na instituição, uma em Porto Alegre e a outra, a qual faço parte, no Campus Litoral Norte.

A parceria entre diferentes Unidades Acadêmicas na concretização de um objetivo comum - a formação de educadores para atuar em escolas do campo e outros espaços educativos no meio rural- vem ao encontro dos objetivos previstos no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da UFRGS que propõe “a criação de cursos novos pautada especialmente pela constituição de áreas interdisciplinares, proporcionando a integração entre diferentes unidades acadêmicas” (UFRGS, 2010, p.12). Outro diferencial do curso de Licenciatura em Educação do Campo diz respeito à formação por área de conhecimento associada a uma proposta de Pedagogia da Alternância. (UFRGS, 2013, p.4)

O curso na UFRGS foi pensando de forma a respeitar as especificidades da Educação do Campo e é curricularmente organizado de forma interdisciplinar. O curso é organizado em oito etapas (08 Semestres) e adota, conforme requisito do edital, a Pedagogia da Alternância como regime que regula o calendário letivo. Todos os semestres têm o total de 27 dias de Tempo Universidade (dias/aulas) divididos em três períodos: 1º e 2º TU com dez dias e o 3º TU com 7 dias. O Tempo Universidade concentra as aulas durante os turnos manhã, tarde e vespertino, totalizando 10h/aulas por dia de TU, sempre intercalando os períodos de Tempo Universidade e Tempo Comunidade. Para exemplificar segue abaixo (tabela 1) o calendário da segunda etapa da primeira turma ingressante na Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza/UFRGS, enviado pela coordenação aos alunos:

TABELA 01 – Calendário etapa 02 / Turma Pioneira¹⁰ – UFRGS/CLN

ETAPA 02 – 2015/01	
1º TEMPO UNIVERSIDADE	02/03 à 13/03
1º TEMPO COMUNIDADE	14/03 à 30/04
2º TEMPO UNIVERSIDADE	04/05 à 15/05
2º TEMPO COMUNIDADE	16/05 à 18/06
3º TEMPO UNIVERSIDADE	19/06 à 27/06
3º TEMPO COMUNIDADE	29/06 à 18/07

FONTE: Acervo pessoal

As etapas foram metodologicamente divididas e pensadas por eixos temáticos e temas geradores, sendo que cada Eixo Temático contemplava duas etapas (dois semestres). Dessa forma os componentes curriculares e as atividades dos Tempos comunidade são pensados em torno das discussões sobre o Eixo e Tema Gerador correspondente a etapa. Nos períodos de

¹⁰ TURMA PIONEIRA – Primeira Turma da UFRGS/ CLN foi denominada Pioneira por ser, justamente a primeira turma na UFRGS/CLN , escolha democrática por meio de votação entre os estudantes da turma.

Tempo Universidade são ministradas aulas de acordo com os Eixos e que estejam em acordo a Educação do Campo e a habilitação do curso Ciências da Natureza, conforme tabela 2:

TABELA 02 – EIXOS E TEMAS GERADORES EDUCAMPO/ UFRGS

EIXO 1 - A DOCÊNCIA DO/NO CAMPO	
Etapa 1 - Tema gerador: Pesquisa como princípio educativo.	Etapa 2 - Tema gerador: Pesquisa na docência como princípio educativo
EIXO 2 –TERRITORIALIDADE e SUSTENTABILIDADE	
Etapa 3 - Tema Gerador: Vida e trabalho no campo	Etapa 4 - Tema Gerador: Saberes, práticas e currículos
EIXO 3 – DIVERSIDADE CULTURAL DA CONTEMPORANEIDADE	
Etapa 5 - Tema gerador: Sucessão familiar: gênero, gerações e etnia	Etapa 6 - Tema gerador: Educação e desenvolvimento rural
EIXO 4: PRÁTICAS DOCENTES	
Etapa 7 - Tema gerador: Docência como Prática Política	Etapa 8 - Tema gerador: Docência como Prática Social

FONTE: Projeto Político Pedagógico do Curso

O licenciado em Educação do Campo estará apto para atuar na disciplina de Ciências nos Anos Finais do Ensino Fundamental e nas disciplinas de Química, Física e Biologia ou na respectiva **área de conhecimento** do Ensino Médio, na Modalidade Educação de Jovens e Adultos e na combinação com a Educação Profissional. Também poderá participar na elaboração e execução de projetos locais de desenvolvimento sustentável com base agroecológica, bem como em instituições de Assistência Técnica e Extensão Rural. (ATER) - (UFRGS, 2013, p. 12). [Grifos Nossos]

FONTE: UFRGS, 2013

A organização curricular por área do conhecimento propõe a constituição de uma forma integrada de planejar o processo educativo, pois exige espaços e tempos para pensar coletivo dentro da escola. A seleção dos conhecimentos, a preparação e a execução de atividades interdisciplinares. (RODRIGUES, 2011, p.124)

A habilitação por área do conhecimento, metodologicamente vem sendo amplamente discutida no meio acadêmico. “Organizar a docência por área significa, voltando a um dos motivos originários da proposta da Licenciatura em Educação do Campo, prever a possibilidade de não ter na escola um professor para cada disciplina, mas sim uma equipe docente”. (CALDART, 2011, p.148) O egresso ao concluir todas as etapas da Licenciatura em Educação do campo terá uma perspectiva de atuação abrangente no que tange ao ensino interdisciplinar em Ciências da Natureza. O curso com formação interdisciplinar tem como intencionalidade preparar o educador para ter um planejamento compartilhado no que se refere ao conhecimento e ao coletivo de trabalho, principalmente para atuar em escolas do campo e na execução de trabalhos de pesquisa e extensão no meio rural, podendo assim, assumir um importante papel no desenvolvimento sustentável do campo.

3. ENTRE (MEIOS) E MÉTODOS

Encontrar é achar, é capturar, é roubar, mas não há método para achar, só uma longa preparação. Roubar é o contrário de plagiar, copiar, imitar ou fazer como. A captura é sempre uma dupla-captura, o roubo, um duplo-roubo, e é isto o que faz não algo de mútuo, mas um bloco assimétrico, uma evolução a-paralela, núpcias sempre “fora” e “entre”.¹¹

Ao passo que tento me descobrir pesquisadora, alterno meu tempo de estudo entre percorrer as leituras pós-estruturalistas, leituras em Educação do Campo e Pedagogia da alternância. Neste revezamento de estudos, demorei e me enrolei! Nessa agonística do prazo para escrever me perdi no tempo. “Por outro lado, o tempo perdido não é simplesmente o tempo passado; é também o tempo que se perde como na expressão “perder tempo”. (DELEUZE, 2010, p 10)

Entre(tantos) perder tempo, ou melhor, me perder no tempo, era preciso escolher as ferramentas teóricas a serem (util)izadas para desenvolver a pesquisa. Enfrentar o tempo cara a cara era o primeiro passo a se fazer. Segundo passo, então, foi pensar em métodos e entremeios que limpassem as lentes, deslocassem o olhar e ampliassem ou modificassem a visão. Olhar os entre (meios) no discurso da Pedagogia da Alternância sem pu(dores).

Assumir o papel de cartógrafo me pareceu um meio de pesquisa que permitiu movimentos. Ao passo que era preciso afastar e colocar em suspenso as “verdades” construídas nos tempos de curso, também:

O cartógrafo, aqui assumido enquanto pesquisador, atua diretamente sobre a matéria a ser cartografada. No entanto, ele nunca sabe de antemão os efeitos e itinerários a serem percorridos. Na força dos encontros gerados, nas dobras produzidas na medida em que habita e percorre os territórios, é que sua pesquisa ganha corpo. O corpo, aliás, é uma importante imagem no exercício de uma cartografia, corpo que nos remete ao corpo do pesquisador e ao corpo dos encontros estabelecidos (COSTA, 2014, p. 67).

Nos encontros da pesquisa “a partir do lugar de onde hoje eu falo, desejo lançar outros olhares para aquilo que me é familiar e provocar estranhamentos.” (SARAIVA, 2006, p. 16). É preciso se deixar afetar pelos (des)contínuos movimentos e sucessivos encontros que são

¹¹ Deleuze, G; Parnet, C. Diálogos. São Paulo: Escuta. 1998.

movediços. Possibilitando que nas descontinuidades da pesquisa, assim como “o movimento cinematográfico ganha animação na medida em que todas as fotografias, imagens estáticas se desenrolam em um sucessível, mas descontínuo movimento, afim de tornar-se Uno pela totalização.” (SANTOS, 2015, p 87)

Nos pequenos excertos recortados entre alguns documentos, que lhes falarei daqui alguns instantes, determinaram o vai-e-vem da pesquisa que [...] pode-se apenas marcar caminhos e movimentos, com coeficientes de sorte e de perigo. (DELEUZE, 2008, p.48) Cartografar os sentidos do tempo nas concepções da Pedagogia da Alternância e na Educação do Campo é, pois, construir um mapa, composto por diferentes linhas [...] “conectável, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente”. (DELEUZE; GUATTARI, 2000, p.21) A questão aqui, pode-se dizer, também, é utilizar outras adjetivações. Embora a cartografia tenha seu sentido na geografia - que é o de produzir e estudar mapa -, queremos mostrar que essa pesquisa e esse método:

trata-se da vida, da subjetividade, de algo que é ao mesmo tempo singular e coletivo, que se faz entre o que é mais íntimo e aquilo que está fora, algo que está sempre em movimento, que nunca é exatamente uma coisa porque está sempre entre. (COSTA, 2014, p. 67)

A cartografia não é um método estanque, parado, estagnado. Exige movimento do pesquisador. O aspecto de “correr perigo” relaciona-se com a atitude de contornar as curvas voluptuosas e estar sensível às modificações que um território de pesquisa possa ter. O cartógrafo usa o corpo para dar corpo aos contornos que os movimentos da pesquisa proporcionaram.

Para dar início a pesquisa foi preciso criar/inventar uma sistematização do diverso, o que possibilitou uma organização na leitura e assim, contribuiu para a emergência das densidades de sentido dessa pesquisa. A partir da análise nos documentos, “construiu-se as densidades de sentido que emergiram a partir do mapeamento das recorrências nos discursos”. (PINHEIRO; SANTOS; WEBER, 2017, p. 90-91)

Por fim, estabeleceu-se um passo a passo para organização dos excertos.

Torna-se necessário anunciar que esse passo a passo metodológico serviu não para prescrever um método de pesquisa, mas para partilhar o não-partilhado por todos, romper com o senso comum metodológico e, portanto, romper com a construção e análise vigentes de um objeto científico. (SANTOS, 2017, p. 127)

Ao passo que selecionei os documentos que fazem parte do material de análise dessa pesquisa – quais sejam, “Marcos Normativos para Educação do Campo” e “Projeto Pedagógico da Educampo Ufrgs”, - prossegui com a seguinte sistematização:

- 1- Criei uma pasta no meu computador intitulada “Pesquisa do TCC”;
- 2- Abri o navegador da internet e digitei na busca: Marcos Normativos para Educação do Campo¹². Ao localizar, salvei na pasta “Pesquisa do TCC”;
- 3- Abri novamente o navegador da internet e digitei na busca: Projeto Pedagógico da EDUCAMPO UFRGS¹³, salvei na pasta “Pesquisa do TCC”;
- 4- Abri, primeiramente, o documento Marcos Normativos para Educação do Campo;
- 5- Realizei a busca usando CTRL + F. Digitei: “Alternância”;
- 6- Copiei, para um documento de texto, todos os excertos que contivessem a referida expressão;
- 7- Repeti os passos 4, 5 e 6 para a expressão “Tempo”;
- 8- Abri o Projeto Pedagógico da EDUCAMPO UFRGS;
- 9- Repeti os passos 5, 6 e 7 com o Projeto Pedagógico do Curso;
- 10- Realizei a leitura dos excertos e destaquei as duas palavras da pesquisa, “alternância” e “tempo”, cada qual com uma cor, a fim de evidenciá-las;
- 11- Organizei uma planilha de texto com duas colunas: cada coluna representava uma palavra;
- 12- Copiei os excertos para essa planilha conforme as palavras que cada excerto continha;
- 13- Os excertos que continham mais de uma palavra-chave foi colado nas respectivas colunas das palavras, em célula mescladas;
- 14- Diferenciei os excertos de cada documento preenchendo o fundo da célula da planilha com cores (Marco Normativos preenchimento cinza e PPC preenchimento rosa).

Segue planilha com os excertos organizados conforme anunciado no passo a passo:

¹² Disponível em: http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/bib_educ_campo.pdf

¹³ Disponível em: <http://www.ufrgs.br/educampofaced/o-curso/projeto-pedagogico-2/view>:

Tabela com os excertos destacados dos documentos de análise

Legenda: Excertos PP do Curso Excertos Marcos Normativos.

ALTERNÂNCIA	TEMPO
Art. 23. A educação básica poderá organizar-se em séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de estudos, grupos não-seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios, ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar”.	A vitalidade dos movimentos sociais não deixa dúvidas de que o atendimento educacional dos povos do campo não se fará pela transposição de modelos instituídos a partir da dinâmica social e espacial urbana. Esta constatação, aliada à compreensão da grande diversidade de ambientes físicos e sociais de que se constitui o universo rural brasileiro, impõe importantes desafios que vão desde o reconhecimento de formas alternativas de organização de tempos e espaços escolares até a definição de estratégias específicas de formação de profissionais e de elaboração de material.
Das experiências que se encontram consolidadas e que tendem a oferecer possibilidades de atendimento escolar no campo, cabe destacar a Pedagogia da Alternância , que conta com reconhecimento dos sistemas de ensino, da comunidade do campo, dos movimentos sociais, sindicais e de estudiosos da educação. Com módulos escolares definidos de forma a articular aprendizagem escolar e aprendizagem no âmbito familiar/comunitário, esta metodologia teve o tempo destinado a atividades comunitárias normatizada por meio do Parecer nº 01/2006. Este é outro documento importante que aparece transcrito nesta publicação.	
“...a Educação do Campo é assunto estratégico para o desenvolvimento sócio-econômico do meio rural e a Pedagogia da Alternância vem se mostrando como a melhor alternativa para a Educação Básica, neste contexto, para os anos finais do Ensino Fundamental, o Ensino Médio e a Educação Profissional Técnica de nível médio, estabelecendo relação expressiva entre as três agências educativas – família, comunidade e escola”.	Art. 7º É de responsabilidade dos respectivos sistemas de ensino, através de seus órgãos normativos, regulamentar as estratégias específicas de atendimento escolar do campo e a flexibilização da organização do calendário escolar, salvaguardando, nos diversos espaços pedagógicos e tempos de aprendizagem, os princípios da política de igualdade.
a alternância mais efetiva é a que associa meios de vida sócio-profissional e escolar em uma unidade de tempos formativos . Tais são as Escolas Famílias Agrícolas (EFA).	
Organizar metodologicamente o currículo por alternância entre Tempo /espaços Universidade e Tempo/Espaço Comunidade, de modo a permitir o necessário diálogo entre saberes técnico-tecnológicos e saberes das tradições culturais oriundos das experiências de vida no campo.	
O currículo está organizado metodologicamente na perspectiva da Pedagogia da Alternância que prevê Tempo Universidade e Tempo Comunidade , de modo a permitir o necessário diálogo entre saberes acadêmicos e saberes oriundos das tradições culturais e das experiências de vida dos alunos. Nesse contexto consideramos 60% da carga horária do curso vinculada ao Tempo Universidade e 40% da carga horária ao Tempo Comunidade , possibilitando articulações entre teoria e prática.	
O currículo da licenciatura, ao considerar a dinâmica da realidade do campo, afirma que a escola não é o único espaço educativo dessa realidade, e problematiza outros processos educativos que ocorrem na experiência de vida desses sujeitos, sobre as formas e manifestações de subjetivação aí existentes. Ao organizar metodologicamente o currículo por alternância entre Tempo /Espaço Escola-Curso e Tempo /Espaço Comunidade-Escola do Campo, a proposta curricular do curso integra e interdiscipliniza a atuação dos sujeitos educandos na construção do conhecimento necessário à sua formação enquanto educadores, não apenas nos espaços formativos escolares, mas também nos diversos espaços das comunidades onde estão localizadas as escolas de ensino fundamental do campo.	
A parceria entre diferentes Unidades Acadêmicas na concretização de um objetivo comum - a formação de educadores para atuar em escolas do campo e outros espaços educativos no meio rural- vem ao encontro dos objetivos previstos no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da UFRGS que propõe “a criação	O Tempo Comunidade não será um apêndice das aulas no Tempo Universidade, e, sim, parte integrante e orgânica das disciplinas que se constituem na relação dialética entre teoria e prática, entre Tempo Comunidade e Tempo Universidade. Pretende-se ter um novo modo de “olhar” para os

<p>de cursos novos pautada especialmente pela constituição de áreas interdisciplinares, proporcionando a integração entre diferentes unidades acadêmicas” (UFRGS, 2010, p.12). Outro diferencial do curso de Licenciatura em Educação do Campo diz respeito à formação por área de conhecimento associada a uma proposta de Pedagogia da Alternância.</p>	<p>processos de ensino e aprendizagem; um olhar que amplie as possibilidades de construção de autonomia dos alunos que já atuam como professores e que, no seu fazer, nas escolas, exercitam o pensamento sobre e na prática. (p. 19)</p>
<p>Os pilares dos CEFFA foram sendo construídos até os dias atuais e se constituem em: a) Pilares meios – associação local (pais, famílias, profissionais, instituições) e Pedagogia da Alternância (metodologia pedagógica); e b) Pilares fins – formação integral dos jovens e desenvolvimento sustentável do meio (social, econômico, humano, político...).</p>	<p>A carga horária do Tempo Comunidade será integralizada nas atividades planejadas pelos alunos e professores no Tempo Universidade as quais serão orientadas pelos professores que farão visitas in loco e acompanharão os trabalhos com o uso de ambientes virtuais de aprendizagem.</p>
<p>“Numa concepção de alternância formativa, não é suficiente a aproximação ou a ligação de dois lugares com suas lógicas diferentes e contraditórias, ou seja, a escola e o trabalho. É necessária uma sinergia, uma integração, uma interpenetração rompendo com a dicotomia teoria e prática, abstrato e concreto, saberes formalizados e habilidades (saber – fazer), formação e produção, trabalho intelectual e trabalho físico (manual)”. (p. 42)</p>	
<p>Recomenda-se que o Projeto Político-Pedagógico de cada CEFFA adote as características da Pedagogia da Alternância na concepção de alternância formativa, isto é, alternância integrativa real ou copulativa, de forma a permitir a formação integral do educando, inclusive para prosseguimento de estudos, e contribuir positivamente para o desenvolvimento rural integrado e autosustentável, particularmente naquelas regiões/localidades em que prevalece a agricultura familiar. (p.49)</p>	
<p>§ 2º A formação de professores poderá ser feita concomitantemente à atuação profissional, de acordo com metodologias adequadas, inclusive a pedagogia da alternância, e sem prejuízo de outras que atendam às especificidades da educação do campo, e por meio de atividades de ensino, pesquisa e extensão. (p. 84)</p>	

FONTE: Da autora

3.1 Entre(Meios) da Cartografia à Análise Documental

A proposta de pesquisa é analisarmos o que permeia, o que está entre o discurso da pedagogia da alternância – no que se refere a concepção de tempo –, e para isso fizemos uma análise documental, mas “não será o sentido último ou interior que procurarei evidenciar nos escritos”, (SANTOS, 2009, p. 50) procuramos olhar para os documentos em forma de monumentos. Essa pesquisa:

[...] não trata o discurso como documento, como signo de outra coisa, como elemento que deveria ser transparente, mas cuja opacidade importuna é preciso atravessar frequentemente para reencontrar, enfim, aí onde se mantém à parte, a profundidade do essencial; ela se dirige ao discurso em seu volume próprio, na qualidade de monumento. (FOUCAULT, 2008, p. 157)

Consideramos como material empírico de pesquisa documentos que versem, no âmbito nacional e regional, sobre Educação do Campo. Esses documentos foram escolhidos por regimentar a Educação do Campo contemporaneamente, mais especificamente, são regimentos que fazem parte do período histórico do século XXI.

- Marcos Normativos para Educampo: PARECER Nº 36, DE 04 DE DEZEMBRO DE 2001
- Marcos Normativos para Educampo: RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 1, DE 03 DE ABRIL DE 2002
- Marcos Normativos para Educampo: PARECER CNE/CEB Nº 1, DE 02 FEVEREIRO DE 2006
- Marcos Normativos para Educampo: PARECER CNE/CEB Nº 3, DE 18 DE FEVEREIRO DE 2008
- Marcos Normativos para Educampo: RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 2, DE 28 DE ABRIL DE 2008
- Marcos Normativos para Educampo: LEI Nº 11.947, DE 16 DE JUNHO DE 2009
- Marcos Normativos para Educampo: DECRETO Nº 6.755, DE 29 DE JANEIRO DE 2009
- Marcos Normativos para Educampo: DECRETO Nº 7.352, DE 4 DE NOVEMBRO DE 2010
- PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE GRADUAÇÃO LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: CIÊNCIAS DA NATUREZA, UFRGS CAMPUS LITORAL E PORTO ALEGRE, 2013.

“O viés pós-estruturalista contribuirá, enquanto perspectiva teórica, visto que problematiza a fixidez dos significados, possibilitando transformá-los em fluidos e incertos”.

(SANTOS, 2015, p.52). A perspectiva destacada possibilita pensar as possíveis fissuras que a Pedagogia da Alternância vem causando como metodologia de ensino, onde (re)combina tempos e espaços outros de ensino, como num vai-e-vem que estabelece “rede complexas de relações” (GIMONET, 2007, p. 81). A perspectiva pós-estruturalista também contribui para esta pesquisa, pois visa problematizar as concepções de tempo contidas no discurso da Pedagogia da Alternância, enquanto verdades construídas historicamente. Podemos dizer que entre os fios que tecem essa rede discursiva da Pedagogia da Alternância, dentre outros, estão os movimentos sociais, organizações comunitárias, pais, alunos, educadores e, por último, mas não menos importante, o governo.

Procuramos compreender as intencionalidades e as potências que a Pedagogia da Alternância, aliada a tempos e espaços distintos, nos apresentam. Para esse trabalho, olhamos, inicialmente, os Marcos Normativos que regem a educação básica e os cursos de ensino superiores em Educação do Campo no Brasil até chegarmos ao Curso Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza na UFRGS/ CLN, na qual egresso nesse semestre.

A pretensão desta pesquisa é compreender quais as relações e sentidos estabelecidas no discurso da Pedagogia da Alternância com a concepção de tempo, e como o conceito de “tempo” se cola na proposta de ensino em Alternância na Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza. “Analiso os documentos com uma postura de quem lê o que está escrito sem buscar o que está escondido, pois não há nada oculto”. (PINHEIRO, 2014, p. 41) Por isso, lançamos o olhar para os documentos, quais sejam, os Marcos Normativos da Educação do Campo e o Projeto Político Pedagógico do Curso (LEDOC/UFRGS).

Iniciamos a busca nos documentos por excertos que contivessem as palavras: **Alternância e Tempo**. Após, localizar as palavras destacamos as palavras-chave da pesquisa, analisamos as idéias centrais trazidas em cada excerto. No instante seguinte, consideramos os excertos com as palavras garimpadas e recortamos um a um. Prosseguimos, mais uma vez, com a leitura a fim de coletar as recorrências nos discursos e separá-los por densidades de sentido.

Destacamos duas densidades de sentido para a concepção de “tempo” e “alternância”, as quais intitulamos: **i) Entre Tempos e Espaços** e **ii) Entre Ensino – Tempo - Aprendizagem**. Nesse diagrama de excertos, as recorrências destacadas apontam para um modelo de ensino que, ao alternar espaços, lugares e territórios em um determinado

tempo de curso criam-se possibilidades múltiplas de/para aprendizagens, além de concepções diferentes do tempo entre ensino e aprendizagens.

i) Entre Tempos e Espaços

Inventar solução não significa ir contra a corrente, mas encontrar entretempos em meio à corrente¹⁴.

A proposta desta pesquisa é mapear as concepções de tempo nos discursos da Pedagogia da Alternância, através da sua proposta de ensino em Tempo Comunidade e Universidade. Percebemos que através de movimentos que intercalam tempos e espaços distintos, a pedagogia da alternância tem como intencionalidade proporcionar ao estudante aprendizagens múltiplas. Assim, pretende-se potente para (re)significações de signos em outros espaços formativos que não somente os escolares.

Nos Marcos Normativos encontramos alguns conceitos ao que se refere à Pedagogia da Alternância. Segundo Queiroz (2004) em sua tese de doutorado, citado no parecer CNE/CEB N° 1, de 02 fevereiro de 2006, que trata sobre: Dias letivos para a aplicação da Pedagogia de Alternância nos Centros Familiares de Formação por Alternância (CEFFA) referiam-se sobre três métodos de Pedagogia da Alternância encontrados nos CEEFAs: Vejamos o excerto do documento:

- a) **Alternância justapositiva**, que se caracteriza pela **sucessão dos tempos** ou períodos consagrados ao trabalho e ao estudo, **sem que haja uma relação entre eles**;
- b) **Alternância associativa**, quando ocorre uma **associação entre a formação geral e a formação profissional**, verificando-se portanto a existência da relação entre a atividade escolar e a atividade profissional, mas ainda como uma simples adição.
- c) **Alternância integrativa real ou copulativa**, com a compenetração efetiva de meios de vida sócio-profissional e escolar em uma **unidade de tempos formativos**. Nesse caso, a alternância supõe **estreita conexão** entre os dois momentos de atividades em todos os níveis – individuais, relacionais, didáticos e institucionais. Não há primazia de um componente sobre o outro. A ligação permanente entre eles é dinâmica e se efetua em um **movimento contínuo de ir e retornar**. Embora seja a forma mais complexa da alternância, seu dinamismo permite constante evolução. Em alguns centros, a integração se faz entre um sistema educativo em que **o aluno alterna períodos de aprendizagem na família, em seu próprio meio, com períodos na escola, estando esses tempos interligados por meio de instrumentos pedagógicos específicos**, pela

¹⁴ SANTOS, 2015, p. 87

associação, de forma harmoniosa, entre família e comunidade e uma ação pedagógica que visa à formação integral com profissionalização. [Grifos Nossos]

FONTE: Brasil (2012)

O Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza/UFRGS, voltado para a formação docente do/no campo segue a normativa e a sugestão do parecer, propondo a adoção da Alternância Integrativa real ou copulativa. Seguem excertos:

Recomenda-se que o Projeto Político-Pedagógico de cada CEFFA adote as características da Pedagogia da Alternância na concepção de alternância formativa, isto é, **alternância integrativa real ou copulativa**, de forma a permitir a **formação integral do educando**, inclusive para prosseguimento de estudos, e contribuir positivamente para o desenvolvimento rural integrado e autosustentável, particularmente naquelas regiões/localidades em que prevalece a agricultura familiar. [Grifos Nossos]

FONTE: Brasil (2012)

O currículo da licenciatura, ao considerar a dinâmica da realidade do campo, **afirma que a escola não é o único espaço educativo** dessa realidade, e problematiza outros **processos educativos que ocorrem na experiência de vida desses sujeitos**, sobre as formas e manifestações de subjetivação aí existentes. Ao **organizar metodologicamente o currículo por alternância entre Tempo/Espaço Escola-Curso e Tempo/Espaço Comunidade-Escola do Campo**, a proposta curricular do curso **integra e interdiscipliniza a atuação dos sujeitos educandos na construção do conhecimento necessário à sua formação enquanto educadores, não apenas nos espaços formativos escolares, mas também nos diversos espaços das comunidades** onde estão localizadas as escolas de ensino fundamental do campo. [Grifos Nossos]

FONTE: UFRGS (2013)

Inferindo dos excertos e para esta pesquisa, a Pedagogia da Alternância Integrativa real ou copulativa, por considerar tempo de aprendizagem em espaços não escolares e com objetivo de contribuir para o desenvolvimento sustentável do campo assinala ser a mais indicada para educação do/no campo. Legitimada por movimentos sociais do campo a Pedagogia da Alternância é potência para formação docente, assim,

pode-se dizer que a Pedagogia da Alternância prevê uma oportunidade formativa que leva em conta outros espaços educativos, ou seja, considera que a aprendizagem ocorre além dos muros escolares e tem como um de seus objetivos romper a cisão teoria-prática. Em linhas gerais, ela permite um processo de alternância entre os espaços educacionais formais e não formais, a partir do qual se cria a possibilidade de pensar outros formatos para o processo formativo do professor. (DUARTE; FARIA, 2017, p 84)

Das experiências que se encontram consolidadas e que tendem a oferecer **possibilidades de atendimento escolar no campo**, cabe destacar a **Pedagogia da Alternância**, que conta com reconhecimento dos sistemas de ensino, da comunidade do campo, dos movimentos sociais, sindicais e de estudiosos da educação. [Grifos Nossos]

FONTE: Brasil (2012)

A Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza/ UFRGS tem como intencionalidade ofertar educação “do campo”, tendo como pressupostos considerar os saberes do campo e as especificidades em relação ao trabalho dos sujeitos no campo que geralmente é um trabalho executado por todo o grupo familiar. Essas especificidades vêm de uma ordem cronológica de ensino e de trabalho diferente da ordem urbana.

O atendimento educacional dos povos do campo não se fará pela transposição de modelos instituídos a partir da dinâmica social e espacial urbana. Esta constatação, aliada à compreensão da grande diversidade de **ambientes físicos e sociais** de que se constitui o universo rural brasileiro, impõe importantes desafios que vão desde o reconhecimento de **formas alternativas de organização de tempos e espaços escolares** até a definição de **estratégias** específicas de **formação de profissionais** e de elaboração de material. [Grifos Nosso]

FONTE: Brasil (2012)

A Licenciatura em Educação do Campo não é somente levar o conhecimento acadêmico até os povos do campo, mas articular os diferentes saberes, proporcionando formação integral aos sujeitos sem afastá-los de sua comunidade, nesse sentido a LEdoC¹⁵, inverte a lógica, rompendo com paradigmas ao oferecer uma formação docente para o campo e “no campo”. Na busca da formação integral dos sujeitos, a LEdoC adota a Pedagogia da Alternância, pois vê nela a potência para alcançar a formação de educadores aliada ao território de vida dos sujeitos que considere as especificidades do campo, entende-se que:

Através do território, é muito mais possível reconhecer e analisar as situações. A sociedade apenas existe, empiricamente, através dos pedaços do território em que se distribui. É através das regiões e dos lugares, que essa sociedade aparece como ela é, una e diversificada, de modo mais corpóreo e concreto, permitindo que nos apossamos, analiticamente, de seus traços dominantes. (SANTOS; SILVEIRA, 2000, p. 11)

¹⁵ LEdoC: Licenciatura em Educação do Campo

a Educação do Campo é assunto estratégico para o desenvolvimento sócio-econômico do meio rural e a **Pedagogia da Alternância vem se mostrando como a melhor alternativa** para a Educação Básica, neste contexto, para os anos finais do Ensino Fundamental, o Ensino Médio e a Educação Profissional Técnica de nível médio, **estabelecendo relação expressiva entre as três agências educativas – família, comunidade e escola.** [Grifos Nossos]

FONTE: Brasil (2012)

A Pedagogia da Alternância é a condição de possibilidade da emergência de fissurar tempos e espaços de aprendizagem. É uma metodologia de ensino que intercala as etapas em Tempo Comunidade e Tempo Universidade, encontrando brechas de possibilidades para estabelecer diálogo entre Universidade e Comunidade no campo. Essa potência fica evidente na divisão da carga horária, onde considera 40% da carga horária total do curso em espaços não escolarizados, para além dos portões da universidade, nominando esse tempo como Tempo Comunidade. Os outros 60% é o que chamamos de Tempo Universidade, o qual os estudantes frequentam períodos de aula na universidade com a grade curricular organizada na lógica cronológica. O Tempo Universidade é fragmentado entre os componentes curriculares de cada etapa. Vejamos o excerto do PPC:

O currículo está organizado metodologicamente na perspectiva da Pedagogia da Alternância que prevê **Tempo Universidade e Tempo Comunidade**, de modo a **permitir o necessário diálogo** entre saberes acadêmicos e saberes oriundos das tradições culturais e das experiências de vida dos alunos. Nesse contexto consideramos **60% da carga horária do curso vinculada ao Tempo Universidade e 40% da carga horária ao Tempo Comunidade, possibilitando articulações entre teoria e prática.**

FONTE: UFRGS (2013)

Nessa divisão da carga horária do curso entre Tempo Comunidade e Tempo Universidade, observa-se a concepção do Tempo *Chrónos*, que é um tempo linear, cronológico, medido em horas, calendários, etc. É o fracionamento do tempo (carga horária) com movimentos que alternam de territórios, mas segundo Kohan¹⁶, quando

percebemos o movimento, o numeramos e a essa numeração ordenada damos o nome de *chrónos*. O tempo é, nesta concepção, a soma do passado, presente e

¹⁶ Disponível em: <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0184.html>. Acesso em 20 de junho de 2018.

futuro, sendo o presente um limite entre o que já foi e não é mais (o passado) e que ainda não foi e, portanto, também não é mas será (o futuro)¹⁷. (2004)

Nessa perspectiva, a Pedagogia da Alternância e a concepção de tempo *chrónos* nos remete a um modelo diferente entre espaço-tempo e ensino e aprendizagem na educação. Modelo de tempo que podemos chamar de Tempo Territorializado, Tempo Lugarizado, ou melhor, **Tempo Espacializado**. “A compreensão **tempo-espaço** refere-se ao movimento e à comunicação através do espaço, à extensão geográfica das relações sociais e a nossa experiência de tudo isso”. (MASSEY, 2000 P.178, apud, SARAIVA, SANTOS, p. 95)

Tempo Espacializado, por ter características espaciais e cronológicas, marcado por intercalar as etapas em períodos de Tempo Universidade e Tempo Comunidade. É uma proposta que alterna os espaços (academia e comunidade) fracionando o Tempo Universidade em hora/aula e o Tempo comunidade em intervalo de tempo entre um TU e outro. O tempo na comunidade é legitimado com trabalhos e pesquisas interdisciplinares, com o objetivo de promover relações entre o estudante e a realidade da comunidade.

A organização das etapas tem em seu cronograma os períodos de aula, com a grade de horários e períodos de dias; já o Tempo Comunidade é o intervalo entre um Tempo Universidade e outro. O ritmo do Tempo Comunidade era movido pelas atividades que teríamos que cumprir até o primeiro dia de Tempo Universidade, pois ao retornarmos para Universidade, apresentávamos o andamento ou os resultados do trabalho interdisciplinar, mediado sempre pelo Seminário Integrador.

O Tempo Comunidade é destinado para possibilitar atividades relacionadas à realidade que o estudante está inserido, propondo conexão com a academia e mantendo o estudante próximo a sua realidade do campo, porém o estudante não percorre esse caminho sozinho, cada estudante tem um professor orientador, este realiza visitas para orientação do trabalho interdisciplinar na comunidade que o estudante esta inserido, geralmente, uma vez a cada período de Tempo Comunidade. A orientação acontece *in lócus*.

A carga horária do Tempo Comunidade será **integralizada nas atividades planejadas pelos alunos e professores no Tempo Universidade** as quais serão orientadas pelos professores que farão visitas in loco e acompanharão os trabalhos com o uso de ambientes virtuais de aprendizagem. Neste sentido o planejamento de

¹⁷ Do livro KOHAN, Walter Omar (org.) *Lugares da infância: filosofia*. DP&A, 2004. Trecho Disponível em: <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0184.html> Publicado no livro KOHAN, Walter Omar (org.) *Lugares da infância: filosofia*. DP&A, 2004. Acesso em 20 de Maio de 2018

cada semestre será feito pelo grupo de professores que atuará na etapa do curso de modo colaborativo e participativo. [Grifos nossos]

FONTE: UFRGS (2013)

Conforme mostra o projeto pedagógico do curso de Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza/UFRGS exige integração no que se diz respeito ao planejamento e das atividades. Bem como, “desenvolver estratégias de formação para a docência interdisciplinar em uma organização curricular por áreas do conhecimento nas escolas do campo e outros espaços educativos. (UFRGS, 2013 p. 10)

Olhando para o que nos propomos pensar nessa pesquisa, que é problematizar de que modo a concepção de tempo vem se atualizando no discurso da Pedagogia da Alternância, vinculado ao curso de Licenciatura em Educação do Campo – UFRGS / CLN e como o conceito de “tempo” se cola na proposta de ensino em Alternância na Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza, primeiramente, podemos compreender que a proposta de ensino em alternância tem como possibilidade alternar os territórios em seu tempo espacializado e organizado cronologicamente.

Com a fragmentação do tempo/espaço das etapas em TC e TU, a Pedagogia da Alternância nos mostra a concepção de um tempo território, seja esse acadêmico ou não. É um tempo espacializado, por promover organização de tempos e espaços diferentes de aprendizagem. Que conta tempo (hora aula/ hora comunidade) em alternância.

Essa concepção de tempo espacializado é possibilidade de aprender em espaços e tempos diferentes dos espaços e tempos dos bancos e horas/aulas escolares. A Pedagogia da Alternância na Educação do/no Campo tem como diretriz proporcionar aprendizados e ensinamentos em territórios distintos. Alternância do tempo está contida nas discontinuidades do espaço [territórios] de conhecimentos estabelecidos. O Tempo Comunidade é lugar de aprendizagem por meios de degustação de experiências e práticas desenvolvidas no campo para o campo, aliado ao Tempo Universidade que, se mostra tempo/espaço da aprendizagem do conteúdo científico interdisciplinar, mas também é espaço de preparação para as atividades no Tempo comunidade.

Como método educativo, voltada aos povos do campo, a Pedagogia da Alternância tem, até então, mostrado potência para estabelecer itinerários, conexões e interação nos diferentes espaços/tempos de ensino e aprendizagem procurando articular sentido entre os saberes das comunidades e os saberes acadêmicos.

ii) Entre Ensino –Tempo – Aprendizagem

[...] não há tempo perdido no aprender, se formos capazes de reconhecer as diferenças. Atentos ao processo, mais do que ao produto, precisamos ter olhos para ver, para poder valorizar cada acontecimento singular. (GALLO, 2012, p.10)

A proposta de articular e dar (re)significações as aprendizagens dos tempos Comunidade e Universidade nos parece o grande desafio da Pedagogia da Alternância. Ao longo dos anos, muitas concepções de educação foram se consolidando na arte de ensinar e aprender, sempre em busca de espaços escolares e tempos de aprendizagens para unificar uma educação para todos.

Na pedagogia da Alternância o objetivo metodológico é estabelecer, justamente, conexões e interações nos processos de ensino/aprendizagem, voltado aos povos do/no campo, considerando as relações sociais em espaços não escolares e estabelecendo relações entre teoria, prática, realidade dos estudantes e das comunidades do campo.

Organizar metodologicamente o currículo por alternância entre **Tempo/Espaço e Universidade e Tempo/Espaço Comunidade, de modo a permitir o necessário diálogo entre saberes técnico-tecnológicos e saberes das tradições** culturais oriundos das experiências de vida no campo. [Grifos nossos]

FONTE: UFRGS (2013)

A importância do diálogo entre os saberes, técnicos e culturais, e aproximação do estudante com a comunidade, considerados nos documentos normativos e do curso, nos remetem ao aprender em movimento com captação de sinais, um aprender em contato. Aprender, segundo Deleuze:

diz respeito essencialmente aos signos. Os signos são objeto de um aprendizado temporal, não de um saber abstrato. Aprender é, de início, considerar uma matéria, um objeto, um ser, como se emitissem signos a serem decifrados, interpretados. Não existe aprendiz que não seja “egiptólogo” de alguma coisa. Alguém só se torna marceneiro tornando-se sensível aos signos da madeira, e médico tornando-se sensível aos signos da doença. A vocação é sempre uma predestinação com relação a signos. Tudo que nos ensina alguma coisa emite signos, todo ato de aprender é uma interpretação de signos ou de hieróglifos. (2003, p.4)

Uma das intencionalidades, da Pedagogia da Alternância, como já vimos, é proporcionar aos estudantes um aprender entre movimentos de espaço/tempo, com uma

organização de educação contida em alternar espaços articulando o tempo linear, o tempo *chrónos*, tempo de ordem, cronometrado. Nesse sentido, a metodologia da Pedagogia da Alternância *com e no* movimento de alternar os espaços entre TC e TU espacializa o tempo, trazendo características distintas para o espaço/tempo durante o tempo de curso.

O Tempo Comunidade não será um apêndice das aulas no Tempo Universidade, e, sim, parte integrante e orgânica das disciplinas que se constituem na relação dialética entre teoria e prática, entre Tempo Comunidade e Tempo Universidade. **Pretende-se ter um novo modo de “olhar” para os processos de ensino e aprendizagem**; um olhar que **amplie as possibilidades** de construção de autonomia.[Grifos nossos]

FONTE: UFRGS (2013)

Assim como os conhecimentos não devem ser subordinados uns aos outros, também o TU e TC devem ter a mesma importância de sentido para os estudantes, organizados de formas diferentes, mas pensados de maneira que haja subsídios de aprendizado entre eles. Durante o Tempo Universidade, com períodos de 10(dez) dias os estudantes assistem aulas com conteúdos interdisciplinares. Ao final de cada TU, inicia o período de Tempo Comunidade, o qual os alunos retornam para as suas Comunidades. Nessa alternância de espaços e diferentes concepções de organização do tempo/aprendizagem consideramos que é proposto ao estudante o diferente, um aprendizado que fissa o modo de aprender, mas

sendo o aprender um acontecimento, ele demanda presença, demanda que o aprendiz nele se coloque por inteiro. E exige relação com o outro. Entrar em contato, em sintonia com os signos é relacionar-se, deixar-se afetar por eles, na mesma medida em que os afeta e produz outras afecções. (GALO, 2012, p.06)

Essa interação entre os aprendizados concebidos entre Tempo Comunidade e Tempo Universidade propõe conexões e (re)significações em olhares diferentes, desta forma, fazendo com que o tempo na comunidade e tempo na universidade, seja o tempo duração, tempo que reverbera em espaços outros de aprendizagens, e aprendizado que dura será evidenciado mediante aproximação das práticas proposta pelos trabalhos desenvolvidos durante o componente curricular, Seminário Integrador, que é ou tenta ser, o norteador, entre Tempo Comunidade e Tempo Universidade.

“Quando Deleuze desloca a emissão dos signos, do ensinar, e aposta nos encontros, no aprender, não só movimentamos nosso olhar do modelo educacional linear ensino/aprendizagem como também atenta para a relação dos signos com quem os

interpreta”. (NEUSCHARANK; OLIVEIRA, 2017, p.592) – a pedagogia da alternância suscita o encontro com os signos – muito mais do que a aposta no ensinar. A universidade e a comunidade como territórios de encontros, a fim de aprender/decifrar os signos.

Pois bem, quando pensamos no tempo, geralmente, pensamos em nossas emergências. Parece que estamos sempre correndo *no* ou *do* tempo. Quando falamos em tempos de aprendizagem, nos vem à memória, os métodos de ensino e que para cada tipo de abordagem supomos ter um resultado específico. Na Pedagogia da Alternância, ao tocante da aprendizagem, emergem, além das já citadas, outra concepção de tempo, diferente do tempo *chrónos ou do tempo espacializado*. Seria esse o tempo “*Aión* que designa, já em seus usos mais antigos, a intensidade do tempo da vida humana, um destino, uma duração, uma temporalidade não numerável nem sucessiva, intensiva”¹⁸? (Liddell; Scott, 1966, p. 45)

A promoção de diálogo entre os saberes acadêmicos e populares tende a ser promovido com articulação entre Tempo Comunidade e Tempo Universidade nos faz pensar no tempo que dura, no tempo não linear, um tempo que não é definido por uma ordem lógica.

O acontecimento de articulação entre as aprendizagens entre os dois tempos distintos (TU e TC) é promovido por meio de trabalhos interdisciplinares, sempre proposto no Tempo Universidade durante as aulas do componente curricular, Seminários Integradores. Mas, Queiroz, em sua tese de doutorado, citado no parecer CNE/CEB Nº 1, de 02 fevereiro de 2006, conclui que:

Numa concepção de alternância formativa, não é suficiente a aproximação ou a ligação de dois lugares com suas lógicas diferentes e contraditórias, ou seja, a escola e o trabalho. É necessária uma sinergia, uma integração, uma interpenetração rompendo com a dicotomia teoria e prática, abstrato e concreto, saberes formalizados e habilidades (saber – fazer), formação e produção, trabalho intelectual e trabalho físico (manual). (2012, p. 42)

Diante do exposto até aqui e a ideia de que o componente curricular Seminário Integrador tem “função” de ferramenta metodológica para a prática da Pedagogia da Alternância, nos debruçaremos agora sobre essas afirmações, visto que durante a pesquisa

¹⁸ Disponível em: <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0184.html> . Acesso em 15 de junho de 2018

dos excertos, digitamos na busca a palavra “tempo”, e observamos a grande recorrência no PPC, especificamente, nas Súmulas dos Seminários Integradores. Cabe ressaltar que esse componente curricular é o único componente que está presente em todos os semestres do curso, e podemos perceber nessa recorrência uma das especificidades do curso. Para Deleuze (2006, p. 11)

A repetição não é generalidade. De várias maneiras deve a repetição ser distinguida da generalidade. Toda fórmula que implique sua confusão é deplorável, como quando dizemos que duas coisas se assemelham como duas gotas d’água ou quando identificamos “só há ciência do geral” e “só há ciência do que se repete. Entre a repetição e a semelhança, mesmo extrema a diferença é da natureza.

Ao lermos mais atentamente as 08 (oito) súmulas do componente, o que podemos inferir, em um primeiro momento é de que o componente curricular Seminário Integrador, ferramenta metodológica da alternância, desempenha o papel de “*articulador*”, com intenção de aproximar as aprendizagens entre os TC e TU. Assim, prosseguimos com os recortes das oito súmulas e olhamos mais atentamente. Seguem excertos na tabela 4:

TABELA 04: Excertos com as súmulas dos Seminários Integradores do 1 ao 8.

<p>Seminários Integradores 01: Súmula: Articulação entre os principais conceitos trabalhados ao longo das disciplinas em seus tempos universidade e comunidade tomando como ponto de partida o exercício e diagnóstico dos contextos educativos nos quais os alunos-professores atuam. Discussão sobre as TICs e apropriação dos ambientes virtuais de aprendizagem disponíveis para o desenvolvimento e acompanhamento das atividades nos tempos universidade e comunidade. [Grifos Nosso]</p>
<p>Seminários Integradores 02: Súmula: Momentos de discussão e articulação entre os conceitos estudados e as práticas desenvolvidas ao longo da etapa considerando as atividades desenvolvidas nos tempos universidade e comunidade. Apresentação e debate da primeira versão de um projeto de investigação a ser desenvolvido ao longo do curso. [Grifos Nosso]</p>
<p>Seminários Integradores 03: Súmula: Momentos de discussão e articulação entre os conceitos estudados e as práticas desenvolvidas ao longo da etapa considerando as atividades desenvolvidas nos tempos universidade e comunidade. Planejamento de atividades a serem desenvolvidas no Tempo Comunidade e apresentação dos resultados das atividades, dentro de uma perspectiva colaborativa de problematização-reflexão e intervenção. [Grifos Nosso]</p>
<p>Seminários Integradores 04: Súmula: Momentos de discussão e articulação entre os conceitos estudados e as práticas desenvolvidas ao longo da etapa considerando as atividades desenvolvidas nos tempos universidade e comunidade. Planejamento de atividades a serem desenvolvidas no Tempo Comunidade e apresentação dos resultados das atividades, dentro de uma perspectiva colaborativa de problematização-reflexão e intervenção. [Grifos Nosso]</p>
<p>Seminários Integradores 05: Súmula: Momentos de discussão e articulação entre os conceitos estudados e</p>

as **práticas desenvolvidas** ao longo da etapa **considerando as atividades desenvolvidas nos tempos universidade e comunidade**. Vivência de **experiências interrelacionais que valorizem a diversidade de culturas, as narrativas de histórias de vidas e práticas da vida no campo**. Registro e socialização de memórias individuais e coletivas das populações do campo. [Grifos Nosso]

Seminários Integradores 06: Súmula: Momentos de **discussão e articulação entre os conceitos estudados e as práticas desenvolvidas ao longo da etapa considerando as atividades desenvolvidas nos tempos universidade e comunidade**. Produção e execução de projetos de **extensão que articulem ensino, pesquisa e extensão**. [Grifos Nosso]

Seminários Integradores 07: Súmula: Momentos de **discussão e articulação** entre os conceitos estudados e as **práticas desenvolvidas** ao longo da etapa considerando as atividades desenvolvidas nos **tempos universidade e comunidade**, com especial atenção ao estágio de docência. Relato e apresentação das experiências de estágio de docência. [Grifos Nosso]

Seminários Integradores 08: Súmula: Momentos de **discussão e articulação** entre os **conceitos estudados** e as **práticas desenvolvidas** ao longo da etapa considerando as atividades desenvolvidas nos **tempos universidade e comunidade**, com especial atenção ao estágio de docência. Relato e apresentação das experiências de estágio de docência. Apresentação dos Trabalhos de Conclusão de Curso. [Grifos Nosso]

FONTE: UFRGS (2013)

Já dito anteriormente, os excertos acima citados, trazem as 08 (oito) súmulas que correspondem a cada etapa de curso Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza - UFRGS / CLN. Observem que em todos os excertos das súmulas encontramos as seguintes palavras: **Articulação; conceitos estudados; tempos universidade e comunidade; práticas desenvolvidas** – essa última com exceção a primeira etapa.

Antes de problematizarmos essas recorrências, pois acredito que se faça necessário, nesse momento, estabelecer conexão com o curso no Campus Litoral, com o tempo aula e as ocorrências durante os 04 (quatro) anos de curso. Para isso, acho pertinente buscar na memória, pois “a memória talvez reencontre os particulares dissolvidos na generalidade”. (DELEUZE, 2006, p. 16) Quando apresentados ao novo, a uma metodologia de ensino que nos “liberava da aula” para atividades externas, e sem entendermos, em um primeiro momento, do que se tratava a Pedagogia da Alternância, propriamente dita, nós estudantes nos perguntávamos: “*seria ensino a distância*” ou “*educação a distância*”? Não, logo percebemos que não era à distância, os primeiros Tempos Universidades nos mostraram, logo de cara, que não! A distribuição diária de 10h/aula durante 10 dias, não poderia ser caracterizado como modalidade de ensino à distância.

Pensando nessas questões, e tantas outras que agora me falham a memória, o Seminário Integrador sempre se mostrou um articulador, dos tempos (Tempo Universidade e Tempo Comunidade) e espaços.

O Seminário Integrador rompia com a ordem linear e organizacional espacial de sala de aula. Quando retornávamos do TC, o Seminário Integrador, nas primeiras horas/aula, abria espaço para as Colocações em Comum¹⁹. A dinâmica desse momento já proporcionava o diferente, começando pela disposição das carteiras em sala de aula, onde sentávamos todos em um grande círculo. Era um momento em que todos os estudantes relatavam para os demais colegas e para os professores, as atividades desempenhadas durante o Tempo Comunidade. Era uma grande roda de conversas proporcionada, após um período de atividades desenvolvidas no tempo comunidade, era tempo destinado ao compartilhamento de perspectivas e expectativas trazidas para o coletivo, era tempo de falar e escutar o que geralmente não é compartilhado entre estudantes e professores.

Ao término de cada TU, durante a carga horária do Seminário Integrador, os professores desempenhavam a função de orientar as atividades que deveriam ser realizadas pelos estudantes ao retornarem para suas comunidades.

Os professores responsáveis por ministrar o Seminário Integrador eram os responsáveis por anunciar as atividades do Tempo Comunidade e organizar a dinâmica de elaboração e avaliação dos resultados ao final de Cada etapa, sempre em conjunto com os orientadores e mediante aprovação da COMGRAD:

A **carga horária** do Tempo Comunidade será integralizada nas atividades planejadas pelos alunos e professores no Tempo Universidade as quais serão **orientadas pelos professores** que farão visitas in loco e acompanharão os trabalhos com o uso de ambientes virtuais de aprendizagem. [Grifos Nossos]

FONTE: UFRGS (2013)

As aulas do Seminário Integrador, muitas vezes, rompiam a lógica do tempo aula, esperávamos por conteúdos científicos, pois este tempo de colocações em comum, dessa conversa coletiva do grupo, por vezes, parecia “perder tempo”, mas “qualquer relação, com pessoas ou com coisas, possui o potencial de mobilizar em nós um aprendizado, ainda que

¹⁹ **Colocações em Comum:** Momento destinado, geralmente, no primeiro dia de aula de cada TU, durante o Seminário Integrador, onde todos os estudantes contavam suas experiências e como estava o andamento do Trabalho Interdisciplinar da Etapa.

ele seja obscuro, isso é, algo de que não temos consciência durante o processo”. (Galo, 2012, p.03). O Seminário Integrador é o tempo, do tempo universidade, que promove o encontro com os signos, que deseja o perder tempo para aprender.

Ao escutarmos as experiências vividas dos outros colegas, que por vezes, resultavam em verdadeiros desabafos e pedidos de ajuda, aliados, ao mesmo tempo, com o peso da avaliação das atividades que desenvolvíamos durante o Tempo Comunidade, causavam pequenas transformações e (re)significações que se tornavam potência para aprender para além de nossa percepção enquanto estávamos envolvidos nesse processo de escutar o outro.

Essa dinâmica do coletivo causava fissuras que não percebíamos instantaneamente, não nos dávamos conta de que, o que parecia “tempo perdido” era na verdade um aprender diferente do rotineiro, diferente do aprender disciplinar em espaço escolar, era momento de romper com os costumes disciplinares de sala de aula, os quais, éramos acostumados a sentar uns atrás dos outros em filas paralelas, com os olhos fixos no quadro negro e no professor.

O Seminário integrador nos propunha o diferente, começando pela proposta de disposição espacial das acomodações, éramos convidados a formar um grande círculo, todos estávamos na mesma direção e sentido, onde poderíamos nos ver, de onde quer que estivéssemos sentados, assim também, o professor se colocava.

Situada da onde eu olho, diante do exposto e da minha perspectiva como discente, gosto de pensar na Pedagogia da Alternância, analogicamente, como um relógio, e os Seminários Integradores como possibilidade de ser engrenagem, capaz de movimentar, de ditar o ritmo dos ponteiros, estes por sua vez, são os Tempos Comunidade e Tempo Universidade, que estão sempre em movimento, intercalados entre tempos e espaços. . “Daí a idéia fundamental de que o tempo forma diversas séries e comporta mais dimensões do que o espaço: o que é ganho em uma não é ganho na outra. (DELEUZE, 2010, p 25) O Seminário Integrador e a “função articuladora”, metodológica, ferramenta, não só de aproximação dos espaços, articulados entre TC e TU, mas, principalmente, sua relação temporal, que

Segundo linhas do tempo, verdadeiras linhas de aprendizado; mas, nessas linhas, eles interferem uns nos outros, reagem uns sobre os outros. Sem se corresponderem ou simbolizarem, sem se entrecruzarem, sem entrarem e combinações complexas que constituem o sistema da verdade. (DELEUZE, 2010, p. 24)

Essa constituição dos sistemas de verdades funciona como uma engrenagem articuladora dos signos nos processos de ensino e aprendizagem. “Contudo, há também uma duração, um ritmo de duração, uma maneira de ser no tempo, que se revela pelo menos em parte no processo”. (DELEUZE, 2010 p.22)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Ao longo dessa pesquisa, procurou-se analisar o que permeia, o que está entre o discurso da pedagogia da alternância. Problematizamos de que forma a concepção de tempo vem se atualizando no discurso da Pedagogia da Alternância vinculado ao curso de Licenciatura em Educação Campo – UFRGS/ CLN.

A perspectiva pós-estruturalista contribui para esta pesquisa, pois visa problematizar as concepções de tempo e espaço contidas nos discursos. Metodologicamente assumimos o papel de cartógrafos, o que nos permitiu movimentos ao passo que era preciso afastarmos e colocarmos em suspenso as “verdades” construídas nos tempos de curso.

Analisamos os Marcos Normativos para Educação do Campo e o Projeto Político Pedagógico do Curso. Esses documentos foram escolhidos por regimentar a Educação do Campo contemporaneamente, mais especificamente, são regimentos que fazem parte do período histórico do século XXI. Mas procuramos olhar para os documentos em forma de monumentos.

Garimpamos nos documentos pistas nos excertos que contivessem as palavras: Alternância e Tempo, a fim de coletar as recorrências nos discursos e separá-los por densidades de sentido. Destacamos duas densidades de sentido para a concepção de “tempo” e “alternância”, as quais, intitulamos: i) Entre Tempos e Espaços e ii) Entre Ensino – Tempo - Aprendizagem.

Na primeira densidade de sentido “Entre Tempos e Espaços”, apontou-se que uma das potências na Pedagogia da Alternância, é proporcionar aos estudantes um aprender entre movimentos de espaço/tempo, com uma organização de educação contida em alternar espaços articulando o tempo linear, o tempo *chrónos*, tempo de ordem, cronometrado. Nesse sentido, a metodologia da Pedagogia da Alternância *com* e *no* movimento de alternar os espaços entre Tempo Comunidade e Tempo Universidade, assim espacilizando o tempo. Trazendo características distintas para o espaço/tempo durante o tempo de curso. Colado ao

discurso da Pedagogia da Alternância está a concepção de Tempo Espacializado, que articula aprendizagens em Tempos e Espaços escolares formais e não formais.

Na segunda densidade de sentido, “Ensino-Tempo-Aprendizagem”, o Seminário Integrador, emerge como uma ferramenta metodológica que articula os tempos e espaços distintos de aprendizagens. Promovendo diálogo entre os saberes acadêmicos e populares por meio de movimentos entre o Tempo Comunidade e Tempo Universidade. Esta densidade de sentido nos faz pensar no tempo que dura, no tempo não linear, um tempo que não é definido por uma ordem lógica. É o acontecimento de aprender pelos signos. Que é potente nas conexões e (re)significações. Colando a concepção de tempo *Aión*, tempo duração, tempo aprendido que reverbera. Diferente do tempo *chrónos* ou do tempo *espacializado*.

As Densidades de sentido se mostraram potentes no que diz respeito às concepções de tempos e aprendizagens. Apontaram para um modelo de ensino que, ao alternar espaços, lugares e territórios, valorizando os conhecimentos populares aliados aos conhecimentos científicos, ou vice-versa. Criam-se possibilidades múltiplas de/para aprendizagens, além de concepções diferentes do tempo entre ensino e aprendizagens.

Não buscamos nesta Monografia impormos “verdades” sobre a problemática, ou solucionar problemas. Apenas nos propomos a pensar sobre e compreender as potentes relações entre Tempo e Pedagogia da Alternância. As possibilidades em torno do tema não foram esgotadas, podendo assim, futuramente, dar continuidade nas problematizações, no que se refere ensino, tempo e aprendizagem.

O tempo não para.

A educação não para, mas faz durar o tempo.

REFERÊNCIAS

ALVES, Gilberto Luiz. **Tendências da Educação no Campo**. Revista Marco Social. Rio de Janeiro, n.1, p. 16-19, jul. 2010.

ANTUNES-ROCHA, Maria Isabel; MARTINS, Maria de Fátima Almeida: **Tempo Escola e Tempo Comunidade: Territórios Educativos na Educação do Campo**. In: ANTUNES-ROCHA Maria Isabel, MARTINS, Aracy Alves; MARTINS, Maria de Fátima Almeida (orgs.) Territórios Educativos na Educação do Campo: Escola, comunidade e Movimentos Sociais. Belo Horizonte: Gutenberg, 2012.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, **Educação do Campo: Marcos Normativos**. SECADI - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão: Brasília, 2012.

CALDART, Roseli Salette. **Por uma Educação do Campo: traços de uma identidade em construção**. In: Por uma educação básica no campo: Identidade e políticas públicas. V. 4. Brasília, 2002, p.25-36.

CALDART, Salette Roseli. **Licenciatura em Educação do Campo e projeto Formativo: Qual o lugar da docência por área?** In CALDART, Salette Roseli (org.) Caminhos para Transformação da Escola: Reflexões desde práticas da licenciatura em Educação do Campo. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

COSTA, Luciano Bedin da. **Cartografia: Uma outra forma de pesquisar**. Revista digital do LAV. Santa Maria, UFSM. Vol. 7, n. 2 (maio./ago. 2014), p. 65-76.

FOUCAULT, Michel; **A Arqueologia do Saber**; 7^a ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os Signos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2008.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DELEUZE, G; Parnet, C. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, F. **Mil Platôs**. São Paulo: Editora 34, 2000 v. 1.

DUARTE, Cláudia Glavam; FARIA, Juliano Espezin. **S. EDUCAÇÃO DO CAMPO E EDUCAÇÃO MATEMÁTICA: POSSÍVEIS ENTRELACAMENTOS.** Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 25, n. 1, p. 80 – 98, 2017. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/index>. Acesso em: 22 de maio/2018.

GALLO, Silvio; **AS MÚLTIPLAS DIMENSÕES DO APRENDER...**; Congresso de Educação Básica: Aprendizagem e Currículo: Florianópolis, 2012. Disponível em: http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/13_02_2012_10.54.50.a0ac3b8a140676ef8ae0dbf32e662762.pdf; Acesso em: 20 de maio de 2018.

GIMONET, Jean Claude; **Praticar e compreender a Pedagogia da Alternância dos CEFAS.** Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

KOHAN, Walter Omar. **Infância. Entre educação e filosofia.** Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2003.

LARROSA, Jorge. **Tremores: Escritos sobre experiência.** Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

LIDDELL, Henry, SCOTT, Robert. **A Greek English Lexicon.** Oxford: Clarendon Press, 1966.

MATTOSO, Guilherme. **Pedagogia da Alternância: do sonho à prática de uma nova educação rural.** Revista Marco Social. Rio de Janeiro. Instituto Souza Cruz, n. 01, p. 64-73, jul. 2010.

NEUSCHARANK, Angélica; OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. **Encontros com signos: possibilidades para pensar a aprendizagem no contexto da educação educação |** Santa Maria | v. 42 | n. 3 | p. 585-596 | set./dez. 2017

PINHEIRO, Josaine de Moura. **Estudantes forjados nas arcadas do colégio militar de porto alegre (CMPA): “novos talentos” da olimpíada brasileira de matemática das escolas públicas (OBMEP).** Tese Doutorado em Educação - Universidade do Vale do Rio dos Sinos: São Leopoldo, 2014.

QUEIROZ, João Batista Pereira. **Construção das Escolas Famílias Agrícolas no Brasil: ensino médio e educação profissional. Brasília.** Tese Doutorado em Educação. – Universidade de Brasília: Brasília, 2004.

RODRIGUES, Rolmir. **Reflexões sobre a organização curricular por área do conhecimento.** In CALDART, Saete Roseli (org.) Caminhos para Transformação da Escola: Reflexões desde práticas da licenciatura em Educação do Campo. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: território O Brasil e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O ensino superior público e particular e o território brasileiro**. Brasília: ABMES, 2000.

SANTOS, Suelen Assunção. **Experiências narradas no ciberespaço: um olhar para as formas de se pensar e ser professora que ensina matemática**. Dissertação em Educação - Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2009.

SANTOS, Suelen Assunção. **Docen ci/ç ação: Do Dual ao Duplo da Docência em Matemática**. Tese Doutorado em Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2015.

SANTOS, Suelen Assunção. Sujeitos Docentes: Identidades e Dispositivos. In: BELLO, Samuel Edmundo Lopez. JELINEK, Karin Ritter. SANTOS, Suelen Assunção (org.). Educação Matemática: Linguagens, práticas e Sujeitos. Porto Alegre: Canto, 2017.

SOARES, Carmem Lúcia. **A educação do Corpo e o Trabalho das aparências: O predomínio do olhar**, In Cartografias de Foucault/ Durval Muniz de Albuquerque Junior, Alfredo Veiga Neto, Alipio de Souza Filho, (Orgs). 2ª. Ed. – Belo Horizonte: Autentica, 2011.

SARAIVA, Karla. **Outros Tempo, outros espaço: Internet e Educação**. Tese Doutorado em Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2006.

SARAIVA, Karla; SANTOS, Iolanda Montano dos. **Educação contemporânea & artes de governar**. Canoas: Ed. ULBRA, 2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Faculdade de Educação. **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação do Campo do Campus Litoral Norte**. Porto Alegre: UFRGS, 2013.

ANEXO

ANEXO A – MATRIZ CURRÍCULAR DO CURSO LEdoC – UFRGS

Áreas Temáticas	EIXO 1 - A DOCÊNCIA DO/NO CAMPO		
Ano 1	Bases Teóricas da Educação do Campo Profissão Docente para o Campo Métodos Participativos de Pesquisa Políticas Educacionais para o Campo TICs para Educação do Campo Educação em Ciências Naturais		
Semestre	Componentes curriculares	Carga h (relógio)	Créditos
Etapa 1 2013/2 Turnos: Manhã e Tarde	Tema gerador: pesquisa como princípio educativo		
	Introdução à Docência no Campo	60	4
	Política Educacional para o Campo no Brasil	60	4
	Educação Popular na Perspectiva do Campo	60	4
	Pesquisa e Extensão Acadêmicas na Formação de Educadores	60	4
	Educação em Ciências Naturais 1: Ciência e Produção do Conhecimento	75	5
	Educação em Ciências Naturais 2: Movimentos e Transformações na Natureza	75	5
	Seminários Integradores 1*	60	4
Subtotal etapa1		450	30
Etapa 2 2014/1 Turnos: Manhã e Tarde	Tema gerador: pesquisa na docência como princípio educativo		
	Organização Escolar	60	4
	Educação de Jovens e Adultos no Campo	60	4
	Métodos Participativos de Pesquisa e Extensão na Formação de Educadores	60	4
	Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)	60	4
	Educação em Ciências Naturais 3: Estruturas e Transformações da Matéria	60	4
	Educação em Ciências Naturais 4: Transporte da Informação	60	4
	Matemática para Ensino de Ciências Naturais 1	60	4
Seminários Integradores 2*	30	2	
Subtotal etapa 2		450	30
Áreas Temáticas	EIXO 2 –TERRITORIALIDADE e SUSTENTABILIDADE		
Ano 2	Desenvolvimento Rural Mundo Rural/do Campo Didática e Currículo Educação em Ciências Naturais		
Etapa 3 2014/2 Turnos: Manhã e Tarde	Tema Gerador: Vida e trabalho no campo		
	Escola, Cultura e Sociedade para uma educação do Campo	60	4
	Educação do Campo e Sustentabilidade	60	4
	Territórios e territorialidades do espaço na Educação do Campo	60	4
	Educação em Ciências Naturais 5: Átomos, Núcleos e Radioatividade	75	5
	Educação em Ciências Naturais 6: Astronomia	75	5
	Representações gráficas de ambientes	60	4
Seminários Integradores 3*	60	4	
Subtotal etapa 3		450	30
Etapa 4 2015/1 Turnos: Manhã e Tarde	Tema Gerador:saberes, práticas e currículos		
	Educação Especial e Inclusão	60	4
	Currículo para uma Educação do Campo	60	4
	Educação em Ciências Naturais 7: Agroecossistemas	75	5
	História e Filosofia das Ciências	60	4

Tarde	Matemática para o Ensino de Ciências Naturais 2	60	4
	Educação em Ciências Naturais 8: Conservação da Natureza	75	5
	Seminários Integradores 4*	60	4
Subtotal etapa 4		450	30
Áreas Temáticas	EIXO 3 – DIVERSIDADE CULTURAL DA CONTEMPORANEIDADE: Desenvolvimento Rural Mundo Rural/do Campo Populações rurais Educação em Ciências Naturais		
Ano 3			
Etapa 5 2015/2 Turnos: Manhã e Tarde	Tema gerador: sucessão familiar: gênero, gerações e etnia		
	Diversidade Cultural: perspectivas antropológicas	60	4
	Psicologias da Aprendizagem: alteridade e gerações do campo	60	4
	Educação em Ciências Naturais 9: Ciência no cotidiano	75	5
	Desenvolvimento Rural	60	4
	Matemática para as Ciências Naturais 3	60	4
	Educação em Ciências Naturais 10: Espaços educativos	75	5
	Seminários Integradores 5*	60	4
Subtotal etapa 5		450	30
Etapa 6 2016/1 Turnos: Manhã e Tarde	Tema gerador: educação e desenvolvimento rural		
	Educação Contemporânea	60	4
	Psicologia Social: temas contemporâneos e dinâmica social	60	4
	Métodos de Organização e Educação Comunitária 1	45	3
	Extensão Rural	60	4
	Educação do Campo e Ciências Naturais 11: Instrumentação para o estágio no Ensino Fundamental.	75	5
	Estágio de Docência 1- Ensino Fundamental: Ciências **	90	6
Seminários Integradores 6*	60	4	
Subtotal etapa 6		450	30
Áreas Temáticas	EIXO 4: PRÁTICAS DOCENTES Docência e Currículo Políticas Públicas para o Campo Movimentos Sociais - Políticas Educacionais para o Campo Educação em Ciências Naturais		
Ano 4			
Etapa 7 2016/2 Turnos: Manhã e Tarde	Tema gerador: Docência como Prática Política		
	Disciplina Alternativa/Obrigatória	30	2
	Educação do Campo e Movimentos Sociais	60	4
	Educação do Campo e Ciências Naturais 12: Instrumentação para o estágio no Ensino Médio	75	5
	Estágio de Docência 2 – Ensino Médio: Biologia, Física e Química**	165	11
	Seminários Integradores 7*	60	4
Subtotal etapa 7		390	26
Etapa 8 2017/1 Turnos: Manhã e Tarde	Tema gerador: Docência como Prática Social		
	Métodos de Organização e Educação Comunitária 2	45	3
	Disciplina Alternativa/Obrigatória	30	2
	Trabalho de Conclusão de Curso	60	4
	Estágio de Docência 3 – Ensino Médio: Biologia, Física e Química **	165	11
Seminários Integradores 8*	60	4	
Subtotal etapa 8		360	24
TOTAL GERAL		3450***	230

FONTE: UFRGS 2013